

Duas Cartas de Farallahi

Liazzat J. K. Bonate e Chapane Mutiua
Centro de Estudos Africanos – Universidade Eduardo Mondlane

Resumo

Este artigo foca duas cartas escritas por Farallahi (Farelay nas fontes portuguesas), em língua Ki-Swahili usando o alfabeto árabe, que se encontram no Arquivo Histórico de Moçambique. As cartas permitem “ouvir a voz” na primeira pessoa deste importante actor da resistência contra a ocupação portuguesa na região norte de Moçambique no fim do século XIX. Elas reflectem duas épocas da vida de Farallahi como pessoa e como líder da resistência: a primeira datada de 1894 ilustra a sua firmeza e elevada condição sócio-económica e política antes da “ocupação efectiva”, quando ele ainda consegue impor o seu poder e a sua vontade; a segunda, datada de 1900, demonstra a diminuição do seu poder como resultado da dominação e expansão portuguesa, onde Farallahi chega até a rogar pela soltura da sua mulher capturada na vila de António Ennes (também conhecido por Parapato, actual cidade de Angoche).

Palavras-chaves: Farelay, ocupação efectiva, resistência ao colonialismo, escrita árabe

Introdução

Neste artigo pretendemos focar duas cartas escritas por Farallahi (Farelay nas fontes portuguesas) que encontramos no Arquivo Histórico de Moçambique (AHM) no âmbito de estudo-piloto realizado com apoio financeiro da Embaixada Real da Noruega em Moçambique. O estudo visava a indexação e digitalização de documentos em escrita árabe com objectivo de tornar acessíveis ao público no geral, e sobretudo académico, porque apesar da abundância deste tipo de documentos presumivelmente desde antes da chegada de portugueses, é surpreendentemente escasso o seu uso e aproveitamento para fins académicos. Esta situação é mais surpreendente ainda se termos em conta que as caracteres árabes são usados mesmo hoje em dia para escrever em línguas locais e até em português no norte de Moçambique. Apenas Eugeniusz Rzewuski (1991/2) fez alguns

trabalhos de pesquisa linguística dos documentos coleccionados principalmente durante trabalhos de campo na província de Cabo Delgado. Nancy J. Hafkin (1973) parece ter feito um amplo uso destes documentos no Arquivo Histórico Ultramarino em Lisboa, para a sua tese de doutoramento, embora ela não especifica. Jeremy G. Prestholdt (1998) citou pelo menos um documento em árabe – uma carta datada de 1517, do Sharifo Muhammad al-Alawi, o governante da Ilha de Moçambique na época da chegada de Vasco da Gama, destinada ao Rei de Portugal – que foi publicada numa colecção de documentos do Arquivo de Torre do Tombo em Lisboa, pelo Padre Frei J. De Sousa. E finalmente, Liazzat J. K. Bonate (2008, 2010) explorou alguns dos documentos no acervo do Arquivo Histórico de Moçambique com o apoio do *Shaykh* Abu Dale.

Voltando ao nosso estudo-piloto, após uma pesquisa do Fundo do Século XIX, foram pré-seleccionadas 103 caixas das colecções do Governo Geral de Moçambique, Governo do Distrito de Moçambique, Governo do Distrito de Cabo Delgado e do Governo do Distrito de Angoche. Entre estas, o grosso de documentos em escrita árabe localizava-se em 49 caixas do Distrito de Moçambique e 54 do Distrito de Cabo Delgado, a partir dos quais foram identificadas, catalogadas e digitalizadas 782 cartas, sendo 114 do Distrito de Moçambique e 568 do Distrito de Cabo Delgado. Os documentos quase na sua totalidade eram correspondências expeditas pelos líderes africanos aos administradores portugueses escritas entre os anos ca. 1860 e 1900.

Na segunda etapa do projecto, fez-se a leitura, transcrição e tradução de 60 cartas (28 do Distrito de Moçambique e 32 do Distrito de Cabo Delgado) escolhidas na base de importância do papel histórico dos seus remetentes. Os manuscritos apresentaram-se no geral em língua Ki-Swahili com uma forte presença e influência das línguas locais, tais como Ki-Mwani, Ci-Makwe, Ci-Makonde, Emakhuwa, Ekoti e Esangaji (língua de Sangage e Mogincual, conhecida as vezes como Enattembo), notando-se também a presença da língua árabe e de algumas palavras portuguesas e inglesas. Esta etapa foi possível graças à valiosa contribuição do *Shaykh* Abu Dale, que cresceu e foi educado dentro da tradição intelectual literária em escrita árabe que até hoje é praticada no norte de Moçambique. Além de mais, *Shaykh* Abu Dale é originário da zona litoral da província de Cabo Delgado e é falante fluente de línguas Ki-Mwani, Emakhuwa, Ci-Maconde, Ci-Makwe e Ki-Swahili.

Escolhemos as cartas de Farallahi porque o seu nome recebeu o maior destaque na historiografia moçambicana. De facto, depois do célebre Sultão de Ango-

che, Musa Muhammad Sahib “Quanto”, que morreu em 1877 e travou grandes batalhas contra os prazeiros de Macanja da Costa, os portugueses, como também contra os vizinhos sertanejos, incluindo os *aMpamela* e outros Macuas, Farallahi é um dos nomes mais sonantes na história do norte de Moçambique principalmente no que concerne a resistência contra a ocupação colonial portuguesa da região. Encontramos apenas duas cartas suas no Arquivo de Maputo, mas de certeza há mais cartas que devem ser identificadas e talvez encontradas nos arquivos de Portugal. As duas cartas permitem finalmente “ouvir a viva voz” e na primeira pessoa deste importante actor histórico, em vez de construir o seu retrato a partir das fontes coloniais portuguesas como vinha acontecendo até agora.

A Vida de Farallahi

Um dos aspectos mais difíceis de apurar é sobre a vida privada de Farallahi e da sua família. As fontes portuguesas mencionam que ele era originário da linhagem de *Nhamlala* (uma das três linhagens das elites de Angoche, nomeadamente, *Nhatite*, *M’bilinzi* e *Nhamlala*, cujos membros são colectivamente conhecidos como os *aNhapakho*). Farallahi era sobrinho do Sultão Husein Ibrahimu (1884-1889) (conhecido como Ussene Ibrahimu nas fontes portuguesas) e era também sobrinho-neto de Musa “Quanto” (Botelho, 1921: 583-584). Eduardo do Couto Lupi (1907: 211) no entanto assinala que Farallahi era “um bastardíssimo segundo sobrinho” do Musa, embora não elabora o que quis dizer com isto.

Farallahi teve relações muito próximas com o Sultão Husein Ibrahimu, provavelmente porque o Husein era o seu tio materno, à quem ele serviu de encarregado dos negócios e de quem herdou as terras entre os rios de Meloconhama e Chilabane, com o principal sítio de acampamento em Mutuguti, a uns cinquenta quilómetros a norte da vila de Parapato (a actual cidade Angoche, cuja o nome ficou António Ennes desde 1890 até o fim da época colonial em 1975) (AHM, Fundo do Século XIX, Cx.8, M, 2. Relatório do Concelho de Angoche; Albuquerque, 1899: 44; Lupi, 1907: 206). Até a morte do Sultão Husein, Farallahi aparentemente vivia em Namua, nas terras do seu outro tio, o Napita-*munu* de Currani (Amorim, 1910:14; Lupi, 1907: 211). Farallahi era também sobrinho ou irmão de Suleiman Ahmad (ou Amade nas fontes portuguesas), o senhor das terras de Larde a quem os portugueses designaram de capitão-mór da mesma região (Amorim, 1910: 15; da Silva Neves, 1901: 22). De acordo com Pedro

Massano de Amorim (1910: 14), este Ahmad era “grande amigo e influente” de Suleiman bin Rajah, o *Etite-munu*, que tornou-se o sultão de Angoche entre 1877-1884.

O facto de Farallahi ter relações íntimas com o Sultão Husein Ibrahimu talvez pudesse explicar o seu militarismo e a sua aversão aos portugueses, porque o Sultão Husein era sobrinho e um dos mais importantes guerrilheiros de Musa “Quanto” e continuou com uma vida de conquistas e guerras após a morte do seu famoso tio (Amorim, 1910: 11-13; Amorim, 1911: 11). Ele herdou de Musa o trono de sultanato de Angoche, embora a sua transição ao poder não fosse nem pacífica nem amplamente aceite, pois Suleimane bin Rajah, o antigo *wazir* de Musa “Quanto”, ficou o sultão também (Amorim, 1911: 11; Lupi, 1907: 198-201). Tal como Musa, o Husein guerreou contra os portugueses e contra o *Morla-munu*, um dos dois principais chefes dos *aMpamela* na região continental adjacente à Ilha de Angoche, que apoiou os portugueses.

Aqui devemos mencionar que as desavenças entre os *aMpamela* sob domínio de *Morla-munu* e os *aNhapakho* eram de longa data. Lupi (1907: 147- n.1, 173, 202-206, 213), que recolheu a tradição oral de Angoche no início do século dezanove, menciona que os primeiros *aMpamela* que vieram do interior na primeira metade do século dezanove eram constituídos por três grupos, os *aNella*, os *aIadje* e os *aSena* (este último grupo foi paulatinamente absorvido por dois primeiros). Quando eles aproximarem-se da costa de Angoche, encontraram o velho aliado dos *aNhapakho* e dono destas terras, o *Maurruça-munu*, que em convivência com os *aNhapakho* e com o objectivo de alcançar paz com os recém-chegados, decidiu atribuir as terras aos *aMpamela*. No entanto, a vale fértil entre os rios de M’Luli e Larde foi dada aos *aIadje* liderados por *Guarnea-munu*, enquanto os *aNella* de *Morla-munu* não somente receberam as piores terras como também o seu grupo ficou dividido em dois por esta atribuição territorial. Os *aIadje* e os *aNella* continuamente lutaram entre si não tanto por causa de natureza das terras mas por territórios onde as rotas caravaneiras de comércio de escravos passavam. Lupi (1907: 173) notou na época da sua chegada à Angoche de que os *aIadje* “viviam numa grande promiscuidade” com os *aNhapakho*, tirando grandes vantagens de comércio de escravos que os de Angoche dominavam, enquanto os *aNella* gradualmente caíram em desespero e optaram procurar o apoio de portugueses. De facto, o *Morla-munu* aparece frequentemente como aliado dos portugueses contra os *aNhapakho*, e Musa “Quanto” morreu pouco tempo depois de ter ganho uma batalha contra eles (Amorim, 1911: 11). O mes-

mo destino teve o Husein que em 1887 tentou atacar o Parapato onde estava estacionada a guarnição portuguesa desde 1865, mas encontrou os homens da Morla, e finalmente por eles foi morto numa batalha em 1889. O Morla enviou a sua mão direita juntamente com a espada e “feitiço” aos portugueses (Amorim, 1911: 13; Coutinho, 1935:30-31).

Embora são escassos os dados da vida pessoal de Farallahi, seja nas fontes portuguesas ou ainda na memória dos actuais residentes de Angoche, René Pellissier (1987: 254) acha que ele nasceu em 1860 e frequentou a escola alcorânica na vila de Parapato. Não temos dados acerca dos seus pais, mas sendo membro duma sociedade matrilinear, as suas ligações com os tios, sobretudo maternos, tinham mais importância do que com os seus progenitores directos. Pelos nomes que ele era conhecido pode-se concluir que o nome do seu pai era N/Macogo ou mais provavelmente, Muhogo. Pois “Farallahi” não era o seu nome próprio, e num dos acordos de vassalagem com os portugueses, ele assinou com o nome de Omar bin M/Nacogo (Amorim, 1910: 16), enquanto as duas cartas no AHM com o nome de Muhamuheva bin Muhogo. Eduardo de Couto Lupi (1907: 211) e Amorim (1911: 11, 14) também conheciam o seu nome de “Muhamuheva” (ou “Muamuieva”). Talvez Farallahi tinha “Omar” como seu primeiro nome muçulmano/árabe e “Muhamuheva” como o seu nome Macua/Koti. A palavra “*bin*” em árabe ou “*bunu*” em Ki-Swahili significa “o filho de”, então ele era filho de um homem chamado M/Nacogo ou Muhogo. Sendo uma alcunha, “Farallahi” parece ser uma corruptela de duas palavras árabes - *fara*, que significa “fazer” e *allahi* que provem de “Allah” (Deus); “Farallahi” significa então o “fazedor de Allah”, ou provavelmente “alguém que faz a vontade de Allah”.

Farallahi entra em cena militar a partir do ano da morte do seu tio, Sultão Husein em 1889, com um assalto ao Parapato no dia 7 de Dezembro (Lupi, 1907: 212; Amorim, 1910: 15). O segundo ataque teve lugar no dia 10 de Fevereiro de 1890 que causou uma fuga generalizada dos comerciantes indianos pelo mar em pangaios e forçou os habitantes a se esconderem nos mangais a volta da vila. No dia 24 de Fevereiro, o terceiro ataque de Farallahi foi repellido quando apareceu ao porto a canhoneira *Tâmega*. Após estes ataques, Farallahi fez acordos de aliança contra os portugueses com os grandes de Sangage, Angoche, M'luli e Sancul (nomeadamente, com o Marave), apesar de que todos eles, incluindo o próprio Farallahi tivessem assinado um acordo de vassalagem com o governador António Ferreira de Carvalho no mesmo ano (Lupi, 1907: 213; Amorim, 1911: 16).

Até 1895, quando Mousinho de Albuquerque iniciou as operações militares da “ocupação efectiva”, Farallahi não só ameaçava continuamente a pequena guarnição portuguesa da vila de António Ennes (o antigo Parapato), mas cobrava as fazendas e taxas de portagem aos comerciantes que usavam as vias caravaneiras que passavam pelas suas terras. O dinheiro resultante servia para financiar as operações do sultanato, incluindo o comércio de escravos e acções militares contra os portugueses (Hafkin, 1973:370; Pelissier, 1987: 253-255).

Um excerto do relatório de um Capitão-mor de Angoche, citado por Amorim (1910: 14) ilustra bem a situação da época:

Quando em 1895 vim para a costa, na ilha de Angoche não se podia pôr pé, das ruas da vila não se saía senão para dentro da tal aringa, onde todos se juntavam a primeira atoarda de hostilidade dos indígenas. O Farelay [sic.], no começo da época do negócio, sentava-se debaixo de umas mangueiras, a dois quilómetros da vila, mandava chamar ali o governador ou comandante militar e os principais negociantes, a quem recebia no meio do seu acampamento, cheio de gente armada, e dizia com maior insolência o preço por que permitia a passagem das caravanas; subscreviam a Câmara Municipal e os comerciantes com várias centenas de mil réis e ficavam de saguate sacos de açúcar, latas de chá, fardos de fazendas, pólvora e armas, até que o salteador se declarasse satisfeito.

A primeira carta de Farallahi do AHM surgiu neste contexto. Escrita em 1894 ao Governador de Angoche, a quem Farallahi chama de “*gufenaduri di Goji*”, nesta carta ele exige “o seu direito” de cobrar as taxas aos comerciantes que “chegaram de encher as lojas sem a minha [de Farallahi] autorização.” Farallahi assinala que “no ano passado pagaram, e este ano ainda não recebi nada” e impõe o pagamento de cem reais por cada comerciante. A carta é escrita em língua Ki-Swahili com uma forte influência das línguas Ekoti e Emakhuwa, e de acordo com o *Shaykh* Abu Dale, também da língua de Comores, nomeadamente, da Ilha Ngazidja (Grande Comores). Esta influência Comoriana talvez deveu-se ao facto de o escriba de Farallahi ser de Ngazidja, ou alguém que estudou lá. Ao mesmo tempo, nesta época, Angoche destinava a maior parte dos escravos a serem comercializados para as Comores e Madagascar. As ligações entre as três regiões, e em particular entre Angoche e as Comores eram antigas como atestam os documentos que Hafkin (1973) cita na sua tese.

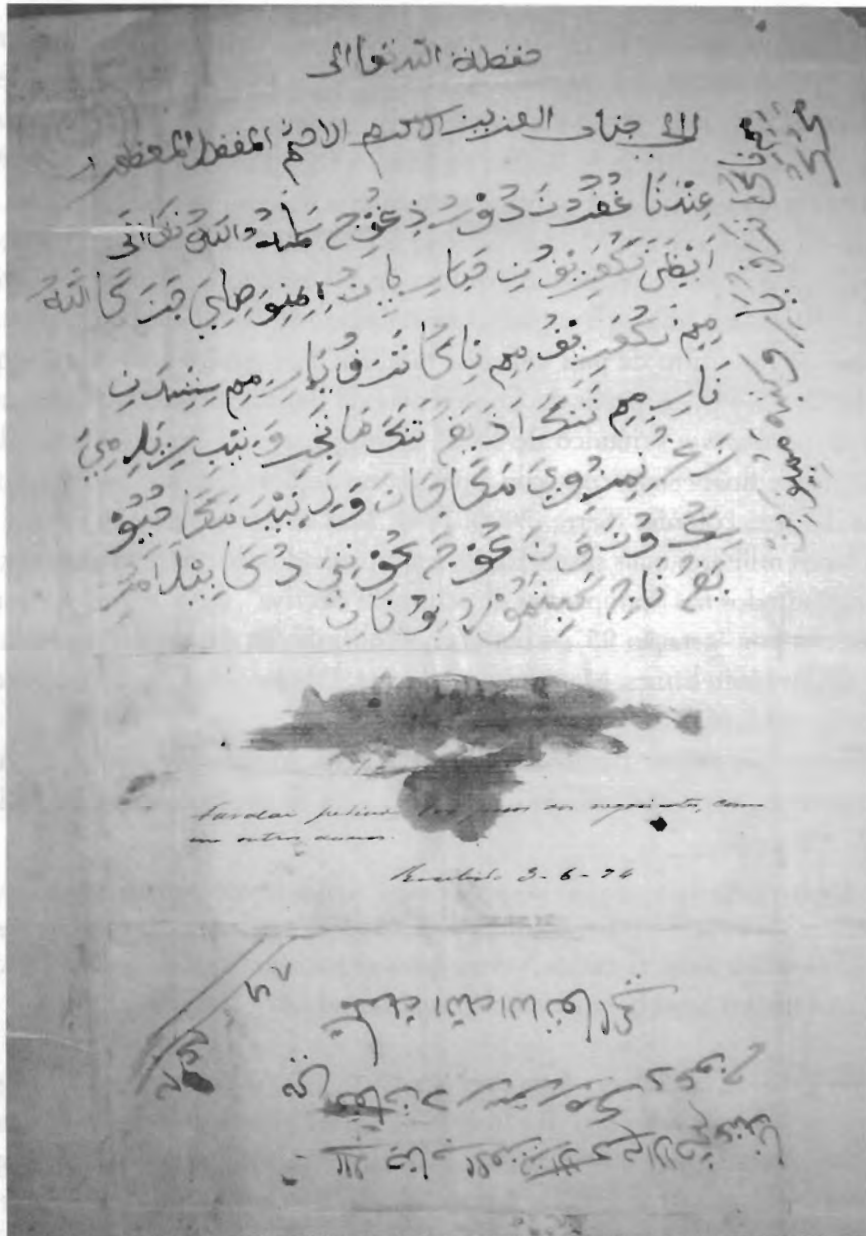


IMAGEM DA CARTA 1. Referência – Carta de Farallahi, 1894. Governo do Distrito de Angoche, Caixa 8-1, Maço 3, Fundo do Século XIX, AHM.

Farallahi no contexto de “ocupação efectiva”

A segunda carta de Farallahi foi escrita em 1900 e situa-se mais firmemente no contexto da “ocupação efectiva”, o conceito que surgiu no panorama internacional como condição para a manutenção das possessões coloniais europeias em África após a Conferência de Berlim de 1884-5 (Botelho, 1936: 351-398; Axelson, 1967). Até esta data, as colónias portuguesas não tinham uma unidade económica ou política, e em Moçambique se limitavam à alguns postos no litoral, que na região norte se resumiam em Ilha de Moçambique, Parapato (António Ennes - Angoche), baía de Tungue (Palma, desde 1887), Mocimboa da Praia e o Ibo embora no centro de país houvesse também Tete no *hinterland* (Albuquerque, 1899: 37-44). A partir da Conferência de Berlim, e fundamentalmente a partir do *ultimatum* britânico de 1890, Portugal, apesar das suas dificuldades económicas e financeiras, começou a pensar em acções visando a exploração objectiva das suas colónias (Serra, 2000: 174). Mas só a partir de 1895 é que surgem planos militares mais sistemáticos, acompanhados de políticas administrativas, enquadrados nas “campanhas de ocupação efectiva”, cujos mentores ficaram conhecidos por “geração 95”, e incluíam Mouzinho de Albuquerque, Freire de Andrade, António Ennes, Massano de Amorim, Eduardo do Couto Lupi, Neutel de Abreu, entre outros.

No campo militar destas campanhas, é sem dúvidas Mouzinho de Albuquerque o seu expoente máximo, cuja estratégia de acção, como cita Pélissier (1987: 258), era:

Segurar o litoral e ampliar depois a ocupação por faixas paralelas e sucessivas na direcção do interior, instalando nelas postos militares e tomando como bases três capitánias-mores: a) Fernão Veloso (para a Quitangonha), no norte; b) Mogin-cual (para o Sancul), no centro; c) Angoche, no sul.

No caso da região de Angoche em particular, o plano imediato visava, “submeter todos os rebeldes, eliminando os chefes preponderantes e castigando os crimes praticados, de modo a abrir às caravanas os caminhos de Parapato e Moma – dinamizar o comércio e tornar efectivo o domínio português por meio de instalação de postos militares” (Botelho, 1921: 585). Contra este plano sublevaram-se os chefes africanos que queriam a todo o custo assegurar a sua soberania e a posse das suas terras, incluindo Sualeh bin Ali bin Ibrahim al-Moroni (o Marave) do Sancul, Rainha Naguema e Mucuto-*munu* ambos dos Namarrais

na região de Mussoril, e Farallahi e o Sultão Ibrahim bin Sultani bin Selimane bin Rajah de Angoche, entre outros.

Farallahi foi o cerne de quase todas as acções contra os portugueses até a sua captura e a posterior deportação à Guiné em 1910. Amorim (1911: 17) alega que Farallahi tinha conseguido uma coligação “de todos os chefes indígenas do litoral, desde o Namarral até ao Ligonha”, que junto com o Marave, “determinaram em 1895 e 1896, em Angoche, uma sublevação.” Em 1895, Farallahi e Marave, auxiliaram mandando os seus sipaios aos Macuas Namarrais no combate de Mujenga contra Mousinho de Albuquerque (Lupi, 1907: 216). Em Outubro de 1896, Farallahi chegou de atacar o Parapato de novo, cuja foi salvo outra vez com a chegada duma canhoneira, desta vez chamada *Zaire* (Lupi, 1907: 227). Em 1897, o governador do Distrito de Moçambique, Eduardo Costa e o comandante de posto militar de Parapato, Júlio Gonçalves recebem ordens de organizar uma expedição militar contra Farallahi e Marave, mas até 1899, somente a guarnição de Parapato foi reforçada, e foram montados os postos de Moma, e de Muchelia e Quiloa na região de Angoche (Lupi, 1907: 220, 223; Amorim, 1911: 20). Por outro lado, é importante salientar que em 1900, chega ao comando militar de Mogincual, Neutel de Abreu, que consegue impor uma aparente calma na região entre Mogincual e Sancul, criando condições para que os esforços portugueses se virassem a região de Angoche.

A segunda carta de Farrallahi foi escrita neste período, mais concretamente em 1900 para o Governador do Distrito de Angoche. O teor da carta revolve a volta de dois assuntos. Um é da chegada ao Parapato de Morla-*munu*, seu inimigo principal para além de portugueses. Farallahi disse que o governador não lhe comunicou da chegada de Morla-*munu*, apesar de que ele, o Farallahi ser “pessoa de rei”, referindo-se a sua submissão à vassalagem formal aos portugueses em 1890. O tom da carta não é exactamente amigável, mesmo tendo todos os requisitos protocolares duma carta oficial em Ki-Swahili da época. Nomeadamente, como era de praxe, a carta começa e termina duma maneira formulaica, enaltecendo o receptor da carta em árabe com referências à sua grandeza e estendendo a benção do *Allah* sobre ele. O facto do governador não ter-lhe comunicado da chegada de Morla, Farallahi considera ser “um erro”, pois ele, o Farallahi, “não deveria ficar na dúvida” acerca destes acontecimentos: “Morla chegou ao Parapato sem me comunicar, então [você] não gosta de mim” porque não informou. Num tom ameaçador, Farallahi disse que “eu podia bater [o Morla] mas não o fiz porque não recebi suas ordens. Fiquei calado e fiquei sentado à espera de

qualquer novidade. Posso fazer estragos, assim estou escondido no caminho [de Parapato].”

O outro assunto da carta é da mulher de Farallahi, aparentemente capturada no Parapato, entretanto não menciona o nome de tal esposa nem nos foi possível desvendar a sua verdadeira identidade. Obviamente, Farallahi tinha várias esposas, como também várias residências, porém, a esposa referida na carta parece ser importante, não só para ele pessoalmente mas também em termos da sua condição social, provavelmente bastante elevada ao ponto de Farallahi chegar até a rogar aos portugueses da sua soltura. Farallahi diz ao governador:

eu sou a pessoa do rei portanto sou sua família. Mas o rei não pode mentir. Você falou comigo e disse que havia de mandar a minha mulher que está no Parapato, mas até agora não estou a ver a minha mulher. Faz favor, mande-me minha mulher, eu rogo, pois você é meu senhor e gosta de mim. Eu também gosto e respeito você; não é bom você me deixar na mão [i.e., não responder ao meu pedido].

بِالْمَجْتَمَاعِ شَيْخِ الْعَرَبِ الْإِسْمَاعِيلِ بْنِ عَبْدِ الرَّحْمَنِ بْنِ عَبْدِ
 اللَّهِ نَعْلَى وَالسَّلَامُ عَلَيْكَ وَمَبْعُودُهُ نَدَاكَ حَلِيزًا كَمَا كَوَّوْكَ
 إِلَيْكَ الْعَقِيَّا الْحَمْدُ لِلَّهِ الْعَلِيِّ وَأَيْضًا تَمَّ سَكْبًا يَا كَوْمُورًا مَوْ
 الرَّحْمَةِ بَرِيَانًا حَتَّى كُنْتُ بِفِي سَوَاجِبٍ وَأَكْتُ مَقْسُورًا فِي مَسْ كَمَا
 نَبِيَّ بَسْمِ وَمِوَسْتَلِيَّ شَاكِرًا مِمَّ مَوْتًا وَمَسْرُوحًا وَمِيَّ سَلَامًا إِلَى
 أَكْنَعِيَّا بَكُوًّا سَمْسِيرًا بِرَبِّكَ كُلَّ أَمْرٍ يَا كِيَّ بَرِيَّ فَوَانَّ بَرِيَّ كَلَادًا
 كَالْ كَوِيَّا فَوَانَّ نَمِيمًا تَوَكَّرًا وَلَكِنْ وَوَحْنِيْدًا بَسْمِ نَبِيَّ مَقْسُ
 إِلَيْكَ فَوْسُورًا مَوْوَرًا أَمْرًا حَتَّى كُنْتُ بِفِي بَاسِ حَتَّى
 وَأَيْضًا مِمَّ مَعْنَا مِمَّ مَعْنَا مِمَّ مَوْتًا وَبَرِيَّ وَأَيْضًا
 وَلَكِنْ بَرِيَّ حَتَّى وَعُغْ وَلِنَعِيَّا بَكُوْمًا وَأَكْتُ إِلَيْكَ بِرَبِّكَ
 نَتَّ كَلِيًّا حَتَّى بَسْمِ سَمُوْمًا بَاسِ فَيَا فُضْلًا وَبِلَاغِي
 مِمَّ وَاعْ مَعْنَا مِمَّ انَّ كَلِيًّا وَوِيَانًا وَاعْ وَأَيْضًا يَا
 كَامِ حَتَّى إِلَيْكَ حَتَّى وَوَسِيْدًا وَوَسَاجِبًا مِمَّ
 يُضَامًا مِمَّ مَوْتًا كَمَا حِوَّ وَوَجَعَبَ وَالنَّعِيَّا مِمَّ مَوْتًا
 كَوَّا سَمِيَّتَ مِمَّ نَكَالًا بَعَا وَوَلَكِنْ سَكُوْمًا مِمَّ يَا كَادِيَّ بِيَّ مَعْنَا
 زَكَا مَقْرًا وَأَيْضًا نَلِكًا إِلَيْكَ كَمَسْرُورًا جَعَبَ إِلَيْكَ فَعِيَّا جَوْرًا
 بِرَبِّكَ مَوْتًا بَسْمِ مِمَّ نَلِكًا حَيَانًا نَمْتًا

مصنف بن العرف

IMAGEM DA CARTA 2. Referência – Carta de Farallahi, 1900. Governo do Distrito de Moçambique, Caixa 8-10, Maço 5, Fundo do Século XIX, AHM (ver nos ANEXOS).

O fim de Farallahi

Em 1900, de acordo com Lupi (1907: 225), o Morla-*munu* foi “desfeiteado” por um capitão-mor de Angoche, “que contra ele chegara a exercer violências físicas”. Amorim (1911: 14) menciona que o conflito entre este Morla e os portugueses foi provocado por ele ter exigido como recompensa pela ajuda que o seu antecessor deu aos portugueses “uma escaler carregado de pólvora, outro cheio de fardos de fazenda, um *quissapo* de *rupias* e um barril grande de aguardente; e para Madjuia [seu aliado], um anel de ouro, um fardamento agalado, 200 barris de pólvora e uma ancoretta de aguardente.” Quando este Morla morreu em 1902, o seu sucessor ficara sempre afastado dos portugueses, “sem se quer vir ao Parapato fazer a tradicional visita de ascensão” (Lupi, *ibid*). O novo Morla fez tréguas com Guarnea-*munu* e juntou-se à aliança africana contra os portugueses, que incluía Farallahi, o Sultão Ibrahimu, e o Marave, entre outros. No mesmo ano, Farallahi foi eleito o Sultão de M’luli, com o nome de Monga-*munu* (Amorim, 1911: 21). Em seguida “afrente da gente de Morua, Mzeia, M’lai e Selege desceu ao seu bivaque favorito a meia légua da margem do porto” de Angoche (Lupi, 1907: 226-27). Acampado a dois quilómetros de Parapato, Farallahi mandou anunciar que devem preparar a cama do capitão-mór pois se deitará nela quando chegar à vila. Mais uma vez a vila foi salva por uma canhoneira, a francesa *Liberal* que acabava de atracar ao porto (Lupi, 1907: 227). Em 1902, Boila, o principal porto da baía de Angoche, foi tomada pelos portugueses, e em seguida, o pesado controlo de comercio de escravos foi imposto, pois a Divisão Naval portuguesa do Índico perseguiu e queimou os *pangaios* dos negreiros ao longa da costa (Lupi, 1907: 179). Este acto certamente prejudicou o negócio de tráfico de escravos que os *aNhapakho* de Angoche e seus aliados continuavam a praticar.

No começo de Maio de 1903, o novo capitão - mór de Angoche, tenente José Augusto da Cunha foi à povoação de “feticheiro” de Farallahi, chamado *shehe* Ahmad (Xequê Amadi, de acordo com Amorim) na Mzeia em Éradi, que, embora esivesse abandonada, foi tomada e destruída (Lupi, 1907: 228; Amorim, 1911: 28). A seguir, da Cunha foi tomar a força o Larde e Macogone, donde passou para a ilha de Angoche e tentou capturar o Sultão Ibrahimu, mas este conseguiu escapar (Amorim, 1911: 24). Não conformado, da Cunha incendiou as casas do sultão e do seu *wazir*, Etite-*munu*, como também destruiu as mesquitas e violou os túmulos (Amorim, 1911: 25). Como relata Lupi (1907: 228), que no mesmo ano de 1903 ocupou a Moma, estes actos foram “praticadas a sangue frio, sem a

desculpa de corresponderem a qualquer provocação, a qualquer reacção contra o passeio militar, que é feito sem um tiro”.

Entre 1902 e 1903, Farlahi liderou uma coligação contra os portugueses, reunindo quase todos os grupos macuas da região, incluindo os aMpamela e os aNhapakho e outros muçulmanos da actual província de Namual (Pelissier, 1987: 281-282). Os anos que seguiram foram de intensas batalhas. O sultão de Angoche estabeleceu-se nas terras de M'luli, e juntamente com o Farallahi, *shehe* de Sangage, o Morla e outros atacava os representantes do poderio português, incluindo os sipaios (Amorim, 1911: 25-26). Em 1907, Farallahi parece ter conseguido adquirir pólvora no Niassa que foi vender por fazendas nos arredores de Parapato (Amorim, 1910: 31).

Em 1906, o Governador português João de Azevedo Coutinho desenhou um plano para derrubar Farallahi, e nomeou Amorim para comandar as operações. Em 1908, aproveitando-se da nova quebra de amizade entre o Morla e o Guerneia, Amorim conseguiu reconciliar-se com o Morla-*munu*, reconquistando assim um dos principais aliados dos portugueses na região (Amorim, 1910: 32-34). E só em Junho de 1910 é que começou com a operação de campo (Coutinho, 1935: 40-45). Com o apoio do *shehe* de Sangage, Amorim deparou-se com uma forte resistência de Farrallahi, sultão Ibrahimu e Guarnea-*munu*. Os resistentes envenenaram o posto de fornecimento de água e gritaram as forças portuguesas, “amanhã tomaremos banho no sangue dos brancos que trouxeram a guerra” (Hafkin, 1973: 392; Pelissier, 1987: 300-302).

As tropas que participaram nestas campanhas de Junho-Agosto de 1910, que culminaram com a captura de Farallahi, Sultão Ibrahimu e Guarnea-*munu* totalizavam 2134, dos quais apenas 334 eram europeus. Em termos de especialidade, eram 420 regulares (quatro ensacas de sipaios), 1000 auxiliares e 1000 carregadores. Maior parte das tropas de origem africana no contingente português vinham do Mucapera-*munu*, liderados por Neutel de Abreu. Estas colunas partiram de Liúpo a 13 de Junho de 1910 na direcção das terras de Farallahi, onde atacaram pelo norte. O grande efectivo com que os portugueses contavam ofuscou sobremaneira as alianças Macuas e aNhapakhos. Em busca de melhores refúgios, Farallahi foi andando pelos seus antigos aliados. Primeiro foi a Mogovolas nas terras de Kuphula-*munu* (Cobula-Muno nas fontes portuguesas) em Mogovolas, e mais tarde volta a região Imbamela, onde se junta a Guerneia e Sultão Ibrahim. Contudo, a pressão portuguesa aumentava e os três aliados não conseguiam reunir reforços que superassem as forças dos seus inimigos (Pelissier,

1987:300). Mais tarde, os três refugiam-se na região de Matadane, depois de impor duros combates na zona de Larde. Enfraquecida, a aliança começa a desmoronar. A 28/29 de Julho de 1910, Guarnea-*munu* submeteu-se ao capitão-mór Dâmaso Augusto Marques. A 1 de Agosto, o mesmo capitão-mór, coadjuvado pelo Erite-*munu* de Angoche (que conhecia o esconderijo do sultão) capturaram o Sultão Ibrahimu. E só em meados de Agosto, é que Mamuia, régulo influente da região de Moma, capturou Farallahi que já se encontrava no fronteira sul do distrito, e entregou aos portugueses, que temendo a sua fuga, optaram por deportar para a Guiné juntamente com o sulto Ibrahimu e o Khuula-*munu* (Coutinho, 1935: 53-54; Pelissier, 1987: 302-303).

Na história oral local, Farlahi não foi capturado sozinho, mas com os seus mais próximos colaboradores, entre eles o seu sobrinho Haji Suleiman que lhe acompanhou ao seu cativeiro na Guiné. Após a morte de seu tio, Haji Suleimana retornou a Angoche já como um grande *mwalimo* (estudioso islâmico e ensina-dor da escola alcornica), que dominava o árabe (Entrevista com Rajab Jamal e Shaykh Mussa, cidade de Angoche, 29 de Janeiro de 2010).

Conclusão

A partir dum estudo-piloto de documentos em escrita árabe do Arquivo Histórico de Moçambique, descobrimos duas cartas de Farallahi. A leitura e a tradução destas cartas obrigou-nos a rever os acontecimentos que impulsionaram a sua escrita, como também a reconstruir não somente os contextos históricos em que elas surgiram como também da vida de seu remetente e autor. Nascido em ca. 1860 na clã real da região de Angoche, os de *aNhapakhos*, Farallahi foi o grande líder de norte de Moçambique na resistência contra a ocupação portuguesa. A sua turbulenta vida foi dedicada à incessante luta pela manutenção da independência de Angoche e dos seus aliados perante a ofensiva europeia, e de certa forma, pela preservação do *status quo* das classes reinantes. Ele foi capturado e deportado pelos portugueses em 1910, mas pouco se sabe da sua morte.

As duas cartas escritas permitem a ouvir a “viva voz” deste importante actor histórico na primeira pessoa. Elas reflectem duas épocas da vida de Farallahi: a primeira datada de 1894 ilustra a sua firmeza e elevada condição sócio-económica e política antes da “ocupação efectiva”, quando ele ainda consegue impor o seu poder e a sua vontade sem restrições significativas. A segunda, datada de

1900, demonstra a diminuição do seu poder como resultado da expansão de dominação portuguesa, onde Farallahi chega até a rogar pela soltura da sua mulher capturada na vila de António Ennes.

Bibliografia

- Albuquerque, J. M. De (1897). *A Campanha contra os Namarrais. Relatórios*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Albuquerque, J. M. de (1899). *Moçambique, 1896-1898*. Lisboa: Manoel Gomes.
- Amorim, P. M. de (1910). *Informações Relativa á Região de Angoche. Notícia Histórica sobre o Distrito de Moçambique*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional.
- Amorim, P. M. de. (1911). *Relatório sobre a ocupação de Angoche: Operações de campanha e mais serviço realizados, Anno 1910*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional.
- Axelson, Edward. (1967) *Portugal and the Scramble for Africa, 1875-1891* (Johannesburg: Witswatersrand University Press, 1967).
- Botelho, J. J. T. (1936). *História militar e política dos portugueses em Moçambique de 1833 aos nossos dias*. 2.^a ed. Lisboa.: Centro Tip. Colonial.
- Coutinho, J. de A. (1935). *As duas conquistas de Angoche*. Lisboa: Pelo Império, N.º 11.
- Lupi, E. do Couto. (1907). *Angoche. Breve memória sobre uma das Capitánias-Môres do Distrito de Moçambique*. Lisboa: Typografia do Annuario Commercial.
- Neves, F. A. da Silva. (1901). *Informações á cerca da Capitania-Môr de Angoche*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional.
- Pélissier, R. (2000). *História de Moçambique : Formação e Oposição, 1854-1928*. Translated from French into Portuguese by Manuel Ruas. 3.ed. Lisboa: Editorial Estampa. 2 Volumes.
- Serra, C., E. Medeiros, and J. Moreira, (eds). (2000). 2.^a ed. *Historia de Moçambique*. Maputo: UEM, Livraria Universitária. Vol. I.
- Sousa, Frei J. De (1788-89). *Documentos Arábicos para a Historia Portuguesa*. Lisboa: Oficina Real das Ciências.

Artigos de Revista:

- Bonate, L. J. K. (2008). "The Use of Arabic Script in Northern Mozambique." *Tydskrif vir letterkunde*, University of Pretoria, pp. 133 - 142.
- Bonate, L. J. K. (2010). "Islam in Northern Mozambique: A Historical Overview." *History Compass*, 8/7, 2010, pp. 573-93.
- Prestholdt, J. G. (1998). "As Artistry Permits and Custom May Ordain: The Social Fabric of Material Consumption in the Swahili World, circa 1450 to 1600" (PAS Working Papers No 3, Evanston: Northwestern University, 156p);
- Rzewuski, E. (1991-2). "Origins of the Tungi Sultanate (Northern Mozambique) in the Light of Local Traditions". *Orientalia Varsovenia*, 1991-2, 193-213.
- Rzewuski, E. (1991). "Mother Tongue/father Tongue Convergence: on Swahilization and Deswahilization in

- Mozambique.* "In Dow, J. R & T. Stolz, eds., Akten des 7. Essener Kolloquiums über "Minoritätensprachen/Sprachminritäten", vom 14.-17.6.1990 an der Universität Essen, Universitätsverlag Dr. N. Brockmeyer, Bochum, , 267-305.
- Bonate, L. J. K. (2007). "*Traditions and Transitions: Islam and Chiefship in Northern Mozambique, ca. 1850-1974*". PhD Dissertation, University of Cape Town.
- Hafkin, N. J. (1973). "Trade, Society, and Politics in Northern Mozambique, c. 1753-1913". Ph.D Dissertation, Boston University.